

**FACULDADE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Magno Pinheiro Oliveira

**AMOR ROMÂNTICO: Reflexões Sobre Sua Evolução e
Manifestações na Contemporaneidade**

Santo Antônio de Pádua / RJ
2024

MAGNO PINHEIRO OLIVEIRA

AMOR ROMÂNTICO: Reflexões Sobre Sua Evolução e Manifestações na Contemporaneidade

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Santo Antônio de Pádua como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Prof. Me. Dinart Rocha Filho

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Adriana Chaves de Oliveira Ruback, Mestre – Faculdade de Santo Antônio de Pádua

Prof.^a Erilza Faria Ribeiro, Mestre – Faculdade de Santo Antônio de Pádua

Prof.^a Jesiane de Souza Marins Lopes, Doutora – Faculdade de Santo Antônio de Pádua

Santo Antônio de Pádua / RJ
2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me guiar e iluminar durante todo o processo deste trabalho. Sua sabedoria e força foram fundamentais em cada etapa, proporcionando-me inspiração e clareza nas decisões. Sou grato pela oportunidade de aprender e crescer, e por me cercar de pessoas que me apoiaram ao longo do caminho.

Adriana e Dinart, gostaria de expressar minha sincera gratidão pelo apoio e orientação que me ofereceram ao longo deste trabalho. Suas valiosas contribuições, críticas construtivas e encorajamento foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Agradeço por acreditarem em mim e por compartilharem seu conhecimento de forma tão generosa. Estou muito grato por ter tido a oportunidade de aprender com vocês.

Agradeço de coração à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, oferecendo amor, apoio e sabedoria. Sua fé e suas orientações foram fundamentais. Obrigado por me ensinar a importância da dedicação e da perseverança. Te amo!

Querida tia, quero expressar minha profunda gratidão por todo o apoio que você me deu ao pagar minha faculdade. Sua generosidade e confiança em mim foram fundamentais para que eu pudesse seguir meus sonhos. Sou eternamente grato por tudo o que a senhora fez.

Edilane, Laysa e Simone, quero agradecer de coração pelo apoio e pela parceria durante este trabalho. Cada um de vocês trouxe algo especial para mim, e a colaboração foi essencial para alcançar este objetivo. Agradeço pelas risadas, pela motivação nos momentos difíceis e pela camaradagem que tornaram essa jornada tão especial. Sou muito grato por ter amigas como vocês ao meu lado.

Que este trabalho seja uma reflexão da gratidão que sinto e uma contribuição positiva ao mundo. Amém.

AMOR ROMÂNTICO: Reflexões Sobre Sua Evolução e Manifestações na Contemporaneidade

Magno Pinheiro Oliveira

Orientador: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Prof. Me. Dinart Rocha Filho

¹Graduando em Psicologia pela Faculdade Santo Antônio de Pádua – FASAP

RESUMO

O amor romântico como um fenômeno dinâmico, é moldado por contextos históricos e sociais que variam ao longo do tempo e entre culturas. Desde o amor cortês da Idade Média, caracterizado por devoção platônica e ritualização do desejo, até as transformações trazidas pela modernidade, que deslocaram o foco do amor para a individualidade e a busca por satisfação pessoal, essa emoção reflete as mudanças nas relações humanas. Na contemporaneidade, o amor se expressa de maneira plural e fluida, influenciado por questões complexas da vida moderna. Este artigo destaca como essas dinâmicas são intensificadas pela mídia, que molda e reflete tanto ideais quanto desafios das relações amorosas hoje.

Palavras-chave: Amor; Amor Romântico; Amor Cortês;

INTRODUÇÃO

O amor romântico, em suas diversas formas e manifestações, é um conceito que transcende épocas e culturas, moldando a maneira como os indivíduos se relacionam e expressam suas emoções. No entanto, o que entendemos por amor romântico não é unicamente uma experiência imutável ou universal; ele é, também, um fenômeno histórico e socialmente construído, permeado por valores culturais, expectativas sociais e dinâmicas de poder que variam ao longo do tempo. Desde os primeiros indícios de amor cortês na Idade Média até as complexas relações contemporâneas, essa emoção tem refletido não apenas a evolução das relações humanas, mas também as mudanças fundamentais nas noções de individualidade, gênero, liberdade e conexão afetiva.

Na Idade Média, o amor cortês introduziu a ideia de devoção platônica, onde cavaleiros e damas participavam de um jogo de cortejo simbólico, caracterizado pela idealização do objeto de desejo e pela sublimação da paixão. O amor cortês pode ser compreendido como uma construção social que reafirmava as estruturas de poder e hierarquia da época, transformando o desejo em uma prática ritualizada. Essa forma

de amar estava profundamente enraizada nas normas rígidas da sociedade feudal e na influência do pensamento cristão, que promovia a castidade e a renúncia como virtudes a serem perseguidas.

Com o advento da modernidade, o amor romântico passou por profundas transformações. O Iluminismo e a Revolução Industrial trouxeram novas perspectivas sobre o indivíduo e a liberdade, influenciando a maneira como o amor era concebido. O "amor líquido", como posteriormente denominado por Zygmunt Bauman (2004), marca o deslocamento do amor romântico de uma instituição socialmente determinada para uma experiência mais centrada no indivíduo e suas aspirações emocionais. O amor passou a ser visto não mais como um dever ou uma forma de manutenção da ordem social, mas como uma busca por realização pessoal, autonomia emocional e satisfação recíproca.

Na contemporaneidade, o amor continua a ser uma força fundamental, mas suas formas de expressão são cada vez mais plurais e fluidas. As expectativas e definições de amor estão sendo constantemente reavaliadas à luz de novas realidades sociais. O amor moderno é profundamente influenciado pela cultura do consumo e pela busca incessante por autenticidade, ao mesmo tempo em que reflete as tensões entre o desejo de liberdade individual e o anseio por vínculos duradouros. Essa complexidade é representada na forma como o amor é retratado pela mídia, que amplifica tanto os ideais de felicidade romântica quanto as frustrações e desafios que as relações amorosas enfrentam no mundo globalizado.

Diante disso, este estudo propõe analisar a evolução do amor romântico, desde suas raízes nas sociedades primitivas até suas manifestações contemporâneas. A investigação buscará entender como as mudanças históricas, culturais e sociais moldaram nossas concepções de amor, traçando um paralelo entre o amor idealizado da Idade Média e as formas mais igualitárias e individualizadas que predominam na modernidade.

A análise proposta será conduzida em três eixos principais: (1) a evolução histórica do amor romântico, destacando as transições fundamentais entre a Idade Média, a era moderna e o período contemporâneo; (2) as implicações sociais e culturais dessas mudanças, com ênfase nas dinâmicas de poder e nas expectativas de gênero que influenciam as relações amorosas; e (3) as novas formas de manifestação do amor na atualidade, considerando a diversidade de experiências

afetivas e a crescente importância da individualidade e da autenticidade nas relações pessoais.

O AMOR AO LONGO DA HISTÓRIA

A maioria das pessoas busca viver um amor intenso e incondicional, mas essa busca pode levar à realização ou frustração. Para entender como o amor foi visto ao longo da história, é essencial adotar uma perspectiva sócio-histórica.

Nas sociedades tribais, as relações entre homens e mulheres não eram baseadas em afeto ou romantismo, mas sim em atividades práticas como caça, alimentação e necessidades fisiológicas. A sobrevivência era a prioridade, e o amor, como o entendemos hoje, não desempenhava um papel central nas interações.

No todo, a vida social e a estrutura de clãs de grande parte das sociedades primitivas proporcionam uma completa intimidade e uma grande distribuição de afeto...a maior parte dos povos primitivos não consegue ver nenhuma diferença relevante entre os indivíduos e, conseqüentemente, não se envolve em relações monogâmicas como os ocidentais; grande parte dos observadores treinados fala da facilidade com que se separam dos que amam, e da tranquila crença no intercâmbio do amor. (HUNT s/a, s/p *apud* BRANDEN, 1998, p. 26).

Na era primitiva, o sexo sem compromisso era incentivado, pois relacionamentos intensos eram considerados ameaças à coesão do grupo. Vínculos amorosos poderiam desestabilizar a estrutura social e comprometer a sobrevivência coletiva. Dessa forma, a prioridade era a manutenção da ordem social e dos interesses comuns, em detrimento de laços emocionais que pudessem afetar a integridade do grupo.

Os adultos não se incomodam se as crianças se envolvem em brincadeiras sexuais e chegam a praticar precocemente o ato sexual; na condição de adolescentes podem dormir uns com os outros, desde que não estejam apaixonados. Caso se apaixonem, o ato sexual passa a ser proibido, e o fato de os amantes dormirem juntos seria um ultraje à decência (TAYLOR s/a, s/p *apud* BRANDEN, 1998, p. 26).

No mundo grego clássico, a razão predominava na vida humana, enquanto a paixão era considerada um desvio grave. O amor era valorizado como uma manifestação espiritual, e a beleza física era apreciada, refletindo a ideia de que o ser

humano possui dimensões inferior (corpo) e superior (espírito). Segundo Branden (1998), o amor espiritual estava associado a relações homossexuais, consideradas mais elevadas, enquanto o amor heterossexual era visto como efeminado e irracional. Nas relações homossexuais, a dinâmica frequentemente envolvia um homem mais velho e um jovem, contrastando com a percepção de superficialidade do amor heterossexual.

Os gregos idolatravam os relacionamentos amorosos espirituais, e não carnis, e para eles este amor profundo e espiritualmente significativo só era possível nos relacionamentos homossexuais, normalmente entre homens mais velhos e garotos;... enquanto o desejo sexual decorrente de sentimentos profundos era frequentemente visto como afeminado e insano, o relacionamento amoroso apaixonado entre dois homens era tido como um relacionamento no qual o amante mais velho inspirava no jovem a nobreza e a virtude, e o amor entre estes elevava a mente” (BRANDEN, 1998, p. 28).

Na Grécia antiga, o amor estava inserido em uma estrutura social hierárquica, onde os homens eram considerados superiores às mulheres, que ocupavam posições de subordinação e tinham direitos limitados. A paixão masculina por mulheres comuns ou hetairas era frequentemente desdenhada, embora as hetairas, ao contrário das mulheres comuns, participassem da vida social e intelectual, ganhando respeito por suas qualidades intelectuais e não apenas por seus serviços sexuais. O amor heterossexual era visto como superficial, servindo apenas a necessidades fisiológicas, enquanto os laços homoeróticos eram valorizados.

Branden (1998) aponta que o casamento entre homens e mulheres era considerado um mal necessário, sem a noção de amor romântico, e as mulheres eram frequentemente vistas como um fardo que ameaçava a liberdade do homem. O casamento tinha um caráter mais político e financeiro, focando na procriação e continuidade da linhagem, e a ideia de paixão era desconsiderada.

Com a evolução da cultura romana antiga, o casamento ganhou maior importância, passando a ser valorizado como uma união significativa. A família foi reconhecida como uma entidade política e social, refletindo a importância da virgindade e fidelidade das mulheres. Essa nova perspectiva conferiu maior relevância ao papel da mulher, que moldava a reputação e status da família, enquanto o casamento e a vida familiar passaram a ser vistos como essenciais para a coesão social.

Na era romana, a percepção do amor começou a evoluir, passando de uma força vista como perturbadora da razão para uma emoção valorizada em sua intensidade. Embora ainda houvesse desconfiança sobre o amor, os romanos começaram a reconhecer sua profundidade, considerando a paixão como uma experiência digna de respeito e significativa. Isso refletiu uma maior aceitação das emoções profundas, mesmo que estas desafiavam a razão, fazendo com que o amor apaixonado ocupasse um espaço relevante na cultura romana.

Durante a Idade Média, a concepção do amor romântico passou por uma transformação, influenciada pela beligerância e instabilidade do período. Com muitos homens indo para o campo de batalha, o amor parecia quase inexistente, e o conceito de amor cortês ainda estava em formação. Embora suas manifestações estivessem surgindo nas tradições literárias e sociais, o amor cortês ainda não tinha alcançado a consolidação e a influência que teria em períodos posteriores.

O Amor Cortês estava em sua origem inserido em um sistema estético e em práticas poético-musicais e literárias específicas. Este aspecto não pode ser negligenciado, o que recairia nos erros tão frequentes de encarar Arte como mero reflexo ou refração da política e da sociedade extra-literária (BARROS, 1991, p. 26)

Segundo Branden (1998), na Idade Média, o casamento era visto pela Igreja Católica como um sacramento, mas o amor era considerado mais uma instituição econômica e política do que uma experiência emocional genuína. As uniões matrimoniais eram analisadas em termos de alianças familiares e interesses materiais, com foco nas questões de status e poder, em detrimento de sua dimensão afetiva.

Ao final da Idade Média, surgiu um antagonismo significativo em relação às mulheres e à concepção de amor, onde Eva simbolizava a tentação e a Virgem Maria representava a pureza. O cristianismo refletia uma dicotomia nas percepções do amor, dividindo-se entre desejo e admiração, além de valores físicos e espirituais. Essa dualidade expressava um conflito entre as dimensões carnis e espirituais do amor, influenciando as relações interpessoais e as atitudes em relação às mulheres na sociedade medieval.

O cristianismo assegurou a homens e mulheres um ideal de amor coerentemente abnegado e não-sexual. De fato, o amor e o sexo deveriam estar em pólos opostos: a fonte do amor era Deus; a origem do sexo era o Diabo (BRANDEN, 1998, p. 32).

O Renascimento marcou a redescoberta de temas clássicos, incluindo o amor, tratado de maneira mais humanista e individualista, com uma nova profundidade sensual. Branden (1998) ressalta que, apesar dessas mudanças, o antagonismo entre corpo e alma persistiu. Embora houvesse um esforço para integrar afeto e desejo físico no casamento, as uniões ainda eram em sua maioria arranjadas por razões econômicas. Com o Iluminismo, as relações entre homens e mulheres evoluíram, tornando-se menos adversas e valorizando a razão e a igualdade. No final do século XVIII, o Romantismo trouxe um foco renovado nas emoções e na individualidade, e, no século XIX, o amor romântico tornou-se central nas aspirações pessoais, refletindo a cultura individualista emergente devido ao capitalismo e à Revolução Industrial.

Nas origens do Romantismo está o progresso econômico, político e social da burguesia, no seu fecho estão as consequências da grande revolução industrial que a partir de 1850 transforma completamente a vida na Europa em menos de meio século. (SARAIVA, 2001, p. 655)

O Romantismo surgiu no século XIX como uma reação ao racionalismo e às normas do Neoclassicismo, que enfatizavam razão e objetividade. Este movimento destacou a subjetividade e a expressão emocional, propondo uma nova forma de entender a experiência humana por meio das emoções individuais e da introspecção. Em vez de buscar precisão, o Romantismo valorizou a espontaneidade, a imaginação e a expressão pessoal, colocando o amor e outros aspectos da vida no centro da experiência humana. Assim, desafiou convenções e abriu caminho para uma nova arte e literatura que refletiam a complexidade da condição humana.

Ora, não devemos nos esquecer de que o Romantismo foi um movimento literário extremamente vasto e complexo, que defendeu, sim, a liberação dos sentimentos, das aspirações pessoais, [...] O Romantismo, enfim foi um movimento crítico, rebelde, inquisitivo, revelador. Houve as lágrimas, sem dúvidas, mas também o grito por justiça; houve o gesto retrogrado, mas também a diligência inovadora; houve o espírito voltado para o passado, mas também o olhar em busca do futuro. (VOLUBUEF, 1999, p. 12)

Costa (1999) argumenta que o amor romântico, ao se tornar uma norma na Europa, atendia aos desejos de autonomia e felicidade pessoal da burguesia, equilibrando a busca individual com ideais coletivos. No entanto, essa perspectiva mudou drasticamente; atualmente, o valor do amor foi inflacionado e perdeu sua

contribuição para o bem comum. Com o crescente foco na esfera privada, o amor é tratado como uma moeda para alcançar felicidade, junto ao sexo e ao consumo. Essa transformação reflete uma mudança nos valores da sociedade, onde o amor romântico se tornou uma ferramenta para satisfação pessoal, em vez de um ideal que promove o bem-estar coletivo.

O amor romântico, quando se estabilizou como norma de conduta emocional na Europa, respondeu os anseios de autonomia e felicidade pessoais inequivocamente criativos e enriquecedores. Sua íntima associação com a vida privada burguesa o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com os ideais coletivos. No presente o cenário mudou. O valor do amor foi hiperinflacionado e sua participação na dinâmica do bem comum chegou quase no ponto zero. E, à medida que refluía aceleradamente para o interior do privado, o romantismo assumia a forma de moeda forte da felicidade junto com o sexo e o consumo. (COSTA, 1999, p. 19)

Na era moderna e pós-moderna, especialmente nos séculos XX e XXI, as concepções sobre o amor passaram por transformações significativas. Novos movimentos sociais desafiaram papéis tradicionais e diversificaram as ideias sobre amor, que agora deve atender aos desejos individuais, distantes das definições convencionais. Essa mudança gerou um ambiente de medo e incerteza nas relações afetivas, onde a busca por realização pessoal pode aumentar a insegurança e a ambiguidade nas interações interpessoais.

As conexões podem ser rompidas e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (...) elas parecem feitas sob medidas para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as "possibilidades românticas" (...) surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de "ser a mais satisfatória e a mais completa" (BAUMAN, 2004, p. 27).

Bauman (2004) ressalta que as conexões humanas, marcadas por intensidade e paixão, tendem a se desintegrar rapidamente, resultando em um mundo de relações passageiras. As oportunidades românticas surgem e se dissipam, criando um ciclo vicioso em que cada nova conexão tenta superar a anterior, mas frequentemente acaba se destruindo. Essa dinâmica revela a fragilidade das relações atuais, onde a profundidade é sacrificada em favor da intensidade momentânea. Assim, o desafio é

descobrir significado nas breves interações que nos tocam, mesmo que por um curto período.

A ORIGEM DO AMOR ROMÂNTICO: AMOR CORTÊS

O amor cortês, que emergiu na Idade Média por meio da literatura dos trovadores, é uma expressão cultural significativa caracterizada pela idealização da dama. O cavaleiro dedica sua vida a ela de maneira nobre, muitas vezes sem consumação física, em um amor platônico que valoriza a admiração e o desejo de servir. Elementos como a separação física ou emocional entre os amantes e o sofrimento do cavaleiro são centrais nessa experiência. O amor cortês segue códigos que promovem lealdade, honra e modéstia, estabelecendo um padrão ético para as interações amorosas, refletido em poemas e romances da época.

Guilherme de Poitiers, um dos primeiros trovadores, exemplifica esses preceitos em sua cantiga, onde expressa o desejo de humildade frente à sua amada. Embora homenageie os códigos do amor cortês, sua obra também apresenta uma ironia sutil, permitindo uma crítica à idealização do amor e proporcionando uma leitura mais complexa que revela sua posição como observador crítico da sociedade e das emoções da época.

Pelo contrário, entrego-me a ela a ponto de deixar que me inscreva no rol dos seus criados. E não me tenhais por ébrio se amo a minha boa senhora, pois sem ela não posso viver, tal o domínio que sobre mim exerce a esperança do seu amor. Que proveito tereis, graciosa dama, em que vosso amor de mim se distancie? Parece mover-vos a vontade de ser monja. E sabeis que vos amo tanto, que chego a temer que a dor me fira, se não me reparardes as injustiças de que vos acuso. (SPINA, 1956, p. 85)

As cantigas de amor provençais refletem um diálogo entre a entrega amorosa idealizada do amor cortês e um sensualismo oculto, mediado pela ironia do conde-trovador. Em uma das estrofes, o trovador questiona o valor de se enclausurar sem amor mútuo, sugerindo que todos os prazeres estão ao alcance se houver amor recíproco. Essa declaração critica a rigidez dos preceitos do amor cortês e propõe uma visão mais integradora da experiência amorosa. Mesmo trovadores como Bernart de Ventadorn, conhecidos por sua idealização da poética amorosa, apresentam cantigas que revelam essa dualidade, desafiando convenções e oferecendo uma

perspectiva mais complexa sobre relacionamentos e desejos humanos. Essa complexidade convida à reflexão sobre as nuances do amor e a dinâmica entre o ideal e o real nas relações da época. Como confirma diz Spina (1956, p. 56), “bem nenhum me falta, contanto que tenha atrevimento para introduzir-me uma noite ali onde se despe, em lugar próprio, e me faça de seus braços um laço para o meu pescoço”.

Segundo Costa (1999), a doutrina do amor cortês surgiu no sul da França no século XI, desenvolvida por trovadores das cortes nobres como resposta às dinâmicas sociais da época. Essa doutrina combina crenças sobre amor e casamento, abrangendo aspectos passionais e espirituais, e propõe um ideal que eleva a interação amorosa por meio do comprometimento emocional, espiritual e do desejo físico. O amor cortês visa transcender as convenções dos casamentos arranjados, oferecendo uma visão mais romântica das relações humanas e influenciando a literatura e as normas sociais entre os gêneros, estabelecendo um legado duradouro.

O amor cortês, surgido na Provença no século XII, foi um movimento inovador que promoveu novas interações entre os gêneros e se espalhou pela Europa. Nesse conceito, a mulher, chamada de "dama", ocupa um papel central e venerado, tornando-se a fonte de inspiração para as ações nobres dos cavaleiros, simbolizando respeito e busca por elevação moral. O termo "dama", derivado do latim "domina", sugere superioridade, e o cavaleiro a admira não apenas pela beleza, mas também pelas virtudes, refletindo os valores da época e exaltando a mulher na dinâmica amorosa.

Segundo Duby (1990, p. 331), “tudo começa por um olhar. A metáfora é a de uma flecha que penetra pelos olhos, crava-se até o coração, incendeia-o, traz-lhe o fogo do desejo.” Sugere que tudo começa com um olhar, uma metáfora para o profundo impacto que o olhar de alguém pode ter sobre outra pessoa. Assim como uma flecha que penetra e se crava no coração, esse olhar provoca uma combustão interna, despertando emoções intensas. O contato visual não apenas desperta, mas inflama o desejo, acendendo uma chama que incita anseios. A partir desse momento, a conexão emocional se torna uma força poderosa, capaz de transformar sentimentos e impulsionar ações.

O homem, guiado por sua intensa experiência amorosa, deseja conquistar a dama a quem dedica devoção, tornando-se um servidor leal e abstendo-se de outras mulheres. Ele se entrega completamente a esse amor, enquanto a dama, elevada a

um status quase divino, detém poder significativo e o submete a provas que demonstram seu valor e obediência. O amor é reservado para aqueles com virtudes, exigindo do cavaleiro um esforço constante de autoaperfeiçoamento. A conquista deve ser desafiadora, pois, segundo André Capelão, o amor "facilis" não é verdadeiro; assim, o amor genuíno floresce nas adversidades, conferindo profundidade e autenticidade à relação.

Buridant (2000, p. 41) diz que “amor é, pois, feito da tensão perpétua, do desejo sempre exacerbado, que é fonte de aperfeiçoamento”. A conquista desse amor deve envolver desafios significativos. Segundo André Capelão, o amor "facilis" não é genuíno. O amor verdadeiro floresce em meio a adversidades, conferindo-lhe profundidade e autenticidade. Importante destacar que o amor conjugal não se encaixa nessa categoria, pois pressupõe obrigações recíprocas, o que contraria a espontaneidade do amor verdadeiro. Assim, o amor autêntico surge da vontade e do desejo genuíno de estar com o outro, enriquecendo a experiência amorosa e tornando-a digna de exaltação.

(...) Os amantes concedem-se tudo de mutuamente a título gratuito, sem serem impelidos por obrigação alguma. Os esposos, ao contrário, são obrigados por dever a obedecer às vontades recíprocas e não podem de modo algum recusar-se um ao outro. (...) Ao contrário do amante cortês, o marido conquistou sua mulher de uma vez por todas; não precisa envidar esforços perpétuos para ganhar seus favores... (...) (BURIDANT, 2000, p. 42)

Branden (1998) menciona que, em 1174, a condessa Maria de Champagne estabeleceu um código do amor com normas para orientar as relações amorosas. As principais regras incluem: o casamento não justifica a ausência de amor; a falta de ciúmes indica amor falso; não se pode amar duas pessoas ao mesmo tempo; conquistas fáceis desvalorizam o amor; um encontro inesperado provoca emoções intensas; um novo amor pode levar à rejeição do anterior; e o amor que esfria morre rapidamente. Além disso, o ciúme verdadeiro intensifica a afeição, pensamentos amorosos afetam necessidades básicas, e a presença do amado traz satisfação. Por fim, destaca-se que não há impedimentos para que uma mulher ame dois homens ou vice-versa, refletindo a complexidade das relações amorosas.

Apesar de sua inocência, a ideia expressa pela doutrina do amor cortesão contém três princípios relativos ao amor romântico de hoje: o autêntico amor entre um homem e uma mulher se fundamenta na liberdade de escolha de cada um, e dela necessita, não podendo prosperar se submetido à autoridade

familiar, social ou religiosa; este amor se baseia na admiração e no respeito mútuo; o amor não é uma diversão fútil, é de grande importância para a vida. Com base nisto, os historiadores justificam sua visão do amor cortês como marco do início do conceito moderno de amor romântico (BRANDEN, 1998, p. 37).

O comportamento amoroso na literatura das cortes é documentado em poemas que desafiam a visão da Igreja, que considerava o amor perigoso e passível de levar ao pecado. Poetas do Languedoc defendem o amor como um sentimento sábio, essencial para o fortalecimento do espírito e desenvolvimento moral. Os primeiros poemas desse movimento, atribuídos a Guilherme de Poitiers, refletem essa nova visão positiva do amor. Segundo Duby (1990), os escritos sobre "fino amor" apresentam um refinamento que permite múltiplas interpretações, mergulhando o leitor em um ambiente simbólico e idealizado. Essa literatura, rica em metáforas, não só enriquece a estética, mas também serve como ferramenta de introspecção sobre amor e relações humanas.

Barros (2008) destaca que os poemas e narrativas do "fino amor" não descrevem a realidade cotidiana, embora muitas vezes se relacionem com ela. Essa literatura evasiva contrasta com a experiência vivida na época, onde atos de violência, como agressões físicas às esposas, eram comuns. Essa discrepância entre a idealização do amor e a crueza da vida real revela a complexidade das relações humanas, mostrando como as aspirações poéticas colidem com os desafios do dia a dia. Essa dualidade provoca uma reflexão sobre a natureza das emoções e comportamentos, questionando a viabilidade desses ideais em um contexto frequentemente marcado pela violência.

Régnier-Bohler (2006) fala que o amor cortês não é um amor platônico, mas um jogo intrincado que exige controle rigoroso do desejo. Nesse cenário, os homens eram os mestres e as damas, prêmios a serem conquistados. A dama não tinha liberdade sobre seu corpo, que pertencia a seu pai e depois a seu marido, e sua honra estava ligada à integridade, resultando em vigilância constante. Suspeitas de desvio podiam trazer punições severas. O processo de entrega da dama ao cavalheiro era gradual, começando com olhares e diálogos, até culminar na entrega total. O prazer do homem estava na expectativa desse momento, transformando o amor em um objeto de desejo e perpetuando um ciclo de anseios. Assim, o "fino amor" representa

uma erótica do controle do desejo, onde a expectativa e a contenção são centrais na dinâmica amorosa.

Na tradição do amor cortês, a promessa de amor era reservada ao homem mais virtuoso. Os poemas não só celebravam esse ideal, mas também legitimavam o sistema feudal, onde o homem, como vassalo, prestava vassalagem a uma mulher considerada inferior. Essa dinâmica reforçava a hierarquia social e, ao longo do tempo, transformou a maneira como os homens tratavam as mulheres, promovendo, de certa forma, a figura feminina na sociedade medieval. Como argumenta Georges Duby (1990), essa nova perspectiva começou a desafiar as normas sociais, reconhecendo o papel da mulher, ainda que subordinado.

O modelo cortês não apenas influenciou as relações amorosas, mas também deu origem a atividades lúdicas, como as "cortes do amor", que simulavam julgamentos amorosos. Nessas atividades, as mulheres participavam ativamente, emitindo veredictos que refletiam as normas e valores da época. Além de promover a interação social, essas cortes reforçavam as ideias do amor cortês, destacando virtude e honra nas relações. Assim, tornaram-se espaços para explorar e discutir as complexidades do amor, lealdade e moralidade em um ambiente formal, "as damas da corte julgavam questões de amatória ou situações amorosas propostas pelos trovadores ou por qualquer outra pessoa para esta finalidade." (BARROS, 2008, p. 8)

O modelo de amor cortês, que começou como um jogo de conquista entre cavaleiros e damas, expandiu-se para incluir relações entre nobres e donzelas, além de maridos e esposas. A partir do final do século XII, passou a ser visto como um prelúdio ao matrimônio, refletindo mudanças nas concepções sociais. Em um contexto de casamentos por conveniência, as regras do amor cortês foram incorporadas nas interações entre os prometidos, levando o cavaleiro a cultivar devoção por sua donzela. Esse ideal, embora romantizado, buscava estabelecer um vínculo mais profundo entre futuros cônjuges, elevando o status emocional do matrimônio e introduzindo novas expectativas nas relações afetivas.

AMOR NA MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

A sociedade contemporânea está passando por mudanças significativas nas dinâmicas de relacionamento, impulsionadas pela modernidade e pela tecnologia. O amor romântico se tornou um fenômeno de massa na sociedade ocidental, consolidando o romance como base das relações amorosas. No século XXI, estabelecer conexões interpessoais se tornou mais fácil, graças a aplicativos e redes sociais. No entanto, essa facilidade resulta em vínculos mais frágeis e efêmeros. Bauman (2001) descreve a "modernidade líquida", onde as relações são marcadas pela transitoriedade e pela instabilidade. A internet e ferramentas como chats online e aplicativos de paquera reconfiguram a maneira como nos relacionamos. Assim, é essencial refletir sobre como a tecnologia e a modernidade influenciam os laços afetivos, considerando as oportunidades e desafios dessas novas formas de conexão.

Se, antigamente, para se relacionar e criar vínculos amorosos, era necessário se conhecer pessoalmente, hoje, esses encontros e vínculos ocorrem também por meio da internet. Os sites de relacionamentos e as redes sociais propiciam que indivíduos localizados em diferentes contextos sociais e culturais se encontrem. (FREIRE *et al*, 2010 *apud* HAACK; FALCKE, 2017, p. 33)

Segundo Portella (2015), as redes sociais oferecem novas oportunidades para as relações interpessoais, permitindo que indivíduos constantemente conectados formem novas conexões. No entanto, Bauman (2004) argumenta que essa facilidade é uma das principais causas da fragilidade dos vínculos humanos atuais, rompendo com a ideia de relacionamentos estáveis e facilitando tanto o início quanto o fim de vínculos afetivos. A variedade de opções de interação resulta em relações frequentemente efêmeras e superficiais, refletindo a volatilidade das conexões. Essa dinâmica gera uma ilusão de diversidade, mas acaba desvalorizando laços mais profundos e dificultando a manutenção de relações duradouras. Portanto, é importante considerar as implicações das redes sociais na natureza dos relacionamentos humanos.

Uma chamada não foi respondida? Uma mensagem não foi retomada? Também não há motivo para preocupação. Existem muitos outros números de telefone na lista [...]. Há sempre mais conexões para serem usadas e assim não tem grande importância quantas delas se tenham mostrado frágeis e passíveis de ruptura (BAUMAN, 2003, p. 79 *apud* PORTELLA, 2015, p. 20).

Na modernidade, surge uma nova concepção de liberdade individual, caracterizada por flexibilidade, pluralidade e mobilidade, segundo Chaves (2003). O indivíduo contemporâneo valoriza o autoconhecimento, a autonomia e a busca por objetivos pessoais, refletindo essa mudança nas relações interpessoais, onde a realização pessoal se torna central. O indivíduo moderno prioriza suas necessidades em relação a compromissos que pareçam limitantes, vendo as relações como oportunidades para explorar sua identidade e alcançar uma realização autêntica. Essa nova noção de liberdade redefine expectativas sociais e transforma dinâmicas relacionais, promovendo parcerias que favorecem o crescimento pessoal. No entanto, essa ênfase na autonomia pode resultar em conexões afetivas superficiais e dificultar a construção de vínculos duradouros. Compreender essa nova liberdade individual é essencial para entender as complexidades das relações humanas contemporâneas.

[...] ao responsabilizarem o indivíduo pelo seu próprio bem-estar, a sociedade abre espaço para que ele construa fronteiras individualizadas, próprias, defina individualmente o que é certo e errado, bom e ruim ou positivo e negativo. Certamente este é um fato que dá liberdade ao indivíduo para gerir a própria vida e se tornar autor do próprio destino, porém ele cria um ambiente marcado pela incerteza e insegurança. Estas se tornam marcas frequentes da vida subjetiva e das relações sociais. (CHAVES, 2003, p. 53).

Os relacionamentos interpessoais estão cada vez mais influenciados pela sociedade de consumo. Kessler (2013) observa que, no contexto da globalização, o amor se torna uma mercadoria, resultando em relações amorosas mais frágeis e desvalorizadas. Essa perspectiva cria um ambiente onde os vínculos afetivos são vistos como substituíveis, refletindo uma lógica de consumo nas emoções. As interações amorosas tendem a ser utilitaristas, com o valor das relações medido pela gratificação imediata. Assim, os indivíduos buscam parceiros que atendam suas necessidades momentâneas, em detrimento da construção de vínculos duradouros. A cultura do descartável reforça essa dinâmica, promovendo a troca de parceiros como produtos. Isso gera um paradoxo: a busca por novas experiências aumenta, mas a profundidade e autenticidade das relações diminuem. Portanto, é fundamental refletir sobre a mercantilização do amor e como as pressões sociais afetam a qualidade das relações interpessoais, destacando os desafios na construção de laços afetivos significativos em um mundo orientado pelo consumo.

Hoje em dia há uma mudança social com relação às formas de amor e relacionamentos. Essas mudanças são um reflexo das próprias modificações geradas pelos contextos globais e locais, inseridos na lógica capitalista. Esses novos híbridos e as novas possibilidades permitem às pessoas uma infinidade de alternativas e opções. Nesse ambiente surgem formas de relacionamento opostas à monogamia, as quais questionam os modelos vigentes, promovendo uma reflexão quanto à privatização dos sentimentos. (KESSLER, 2013, p. 372).

Nesse contexto, é comum ver o outro como um objeto de troca, similar ao desejo por um novo celular. Fromm (1976) argumenta que existe uma cultura de aquisição e trocas vantajosas, onde o homem moderno tende a ver as pessoas como produtos, buscando maximizar seus "lucros" emocionais. Quando alguém mais atraente surge, rapidamente esse novo interesse se torna um "desejo de consumo", relegando o anterior ao desinteresse, gerando relações substituíveis e descartáveis.

Os vínculos afetivos têm durabilidade reduzida, estabelecendo-se e rompendo-se com rapidez, além de haver menor tolerância a conflitos e uma crescente busca pela gratificação imediata. Bauman (2004) descreve esse fenômeno como "Amor Líquido", refletindo a flexibilidade e instabilidade das relações atuais. Essa fluidez nas interações interpessoais exige uma reflexão crítica sobre suas implicações para a intimidade e o compromisso nas relações humanas. "A insegurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos" (BAUMAN, 2004, p. 6).

Kessler (2013) argumenta que, devido à dinâmica social contemporânea, encontrar o "amor romântico" se tornou um desafio. A sociedade busca incessantemente um ideal amoroso indefinido e elusivo, refletindo uma intersecção com a lógica do consumo, onde procurar um parceiro assemelha-se a buscar um produto que preencha lacunas emocionais. Isso resulta na mercantilização das relações, idealizando o amor como um bem a ser adquirido e gerando expectativas irrealistas. A busca por um amor perfeito gera frustração, pois os vínculos são frequentemente vistos como conveniências para gratificação imediata. Além disso, essa busca reflete uma carência mais profunda nas experiências humanas atuais. Em um mundo interconectado, mas superficial, a dificuldade de estabelecer conexões significativas se torna evidente, evidenciando os desafios enfrentados pelos indivíduos nas complexas interações entre desejo, consumo e realização pessoal nas relações contemporâneas.

Por vezes, essa busca por um parceiro ou parceira torna-se um fluxo sucessivo de substituições, de uma 'monogamia seriada', na qual logo após o término de um relacionamento, compulsoriamente, outro é iniciado, fugindo-se da solidão (KESSLER, 2013, p. 365).

Bittencourt (2012) aponta que a tendência de estabelecer vínculos efêmeros resulta em relações artificiais e empobrecidas, com interações interpessoais guiadas por princípios utilitaristas que priorizam a gratificação imediata e a conveniência. Ao tratar o outro como um objeto de consumo, a sociedade facilita o descarte de indivíduos sem consideração emocional, levando a relacionamentos breves e voláteis, onde o amor perde relevância. A busca pelo prazer da conquista é excessivamente valorizada em detrimento do afeto, refletindo um afastamento das bases tradicionais do amor, que se fundamentam em compromisso e confiança. Essa superficialidade pode gerar insatisfação, já que as relações se tornam trocas momentâneas, sem potencial para desenvolvimento mútuo. A análise crítica de Bittencourt convida à reflexão sobre as implicações sociais e emocionais dessa transformação, ressaltando a importância de revalorizar o amor como essencial para a realização pessoal e a construção de vínculos autênticos.

[...] o primeiro passo a dar é tomar-se consciente de que o amor é uma arte, assim como viver é uma arte; se quisermos aprender como se ama, devemos proceder do mesmo modo por que agiríamos se quiséssemos aprender qualquer outra arte, seja a música, a pintura etc. [...]. E há ainda um terceiro fator: o domínio da arte deve ser questão de extrema preocupação, e é esse o ponto fraco do amor na nossa sociedade porque, apesar da profundamente enraizada avidez pelo amor, quase tudo mais é considerado mais importante do que o amor: o sucesso, o prestígio, o dinheiro, o poder. (FROMM, 1976, p. 24)

Chaves (2003) aponta que, na contemporaneidade, há uma tendência crescente a tratar insatisfações humanas de maneira superficial, optando por soluções imediatas que carecem de profundidade. Essa transitoriedade da vida moderna provoca mudanças e perdas abruptas, desafiando a capacidade dos indivíduos de processá-las. A velocidade das transformações pode gerar desorientação e dificultar o enfrentamento de adversidades, resultando em uma acumulação de insatisfações não resolvidas. Muitas pessoas ignoram suas dificuldades, em vez de enfrentá-las seriamente, contribuindo para a fragilização emocional e relacional. Assim, é essencial reconhecer as implicações dessa dinâmica e desenvolver abordagens resilientes para lidar com mudanças e perdas. A reflexão crítica sobre essas questões pode promover

uma compreensão mais profunda das necessidades emocionais e sociais, favorecendo a construção de vínculos e estratégias que fortaleçam o enfrentamento das adversidades.

[...] o estabelecimento de relações sociais mais temporárias, de comunidades abertas e mais frouxamente ligadas pode fazer com que o indivíduo se sinta mais só e desamparado, e se veja obrigado a uma constante negociação com o outro e com ele mesmo visando à continuidade ou quebra do vínculo forjado. Entretanto, a fluidez dessas relações possibilita a constituição de redes, a vivência de novas e diversas formas relacionais que pode, paradoxalmente, minimizar essa solidão e lhe dar segurança e apoio. Isto acontece, por exemplo, no estar-junto; ao mesmo tempo em que ele é marcado por uma certa superficialidade e fugacidade, também propicia o compartilhamento espontâneo de experiências vividas, sentimentos, desejos e interesses. Além disso, por se caracterizar como um ajuntamento efêmero, no qual os indivíduos não cobram, por exemplo, fidelidade, profundidade de sentimento ou investimento afetivo, o estar-junto facilita o trânsito e o vínculo com outras pessoas e grupos. (CHAVES, 2003, p. 87-88).

A desvalorização do amor na contemporaneidade decorre de dinâmicas sociais e emocionais que moldam as relações interpessoais. Há um receio crescente de se amar plenamente, alimentado pelo medo da vulnerabilidade e da possibilidade de ser descartado. Essa hesitação em investir emocionalmente é reforçada pela consciência de que, em casos de desgastes, a tendência é à exclusão. Muitos evitam desilusões sentimentais, criando barreiras para o desenvolvimento de vínculos afetivos significativos. O amor passa a ser visto como um risco excessivo, levando a posturas defensivas em vez de autenticidade. A cultura contemporânea, caracterizada pela efemeridade, intensifica essa desvalorização, tornando o amor aparente como algo descartável e sacrificando compromisso e profundidade emocional. Essa dinâmica empobrece a experiência amorosa e gera insatisfação e solidão. Ao evitar o amor verdadeiro por medo da dor, perpetuamos a fragilidade dos laços afetivos e um crescente vazio emocional. É crucial reavaliar o amor, valorizar conexões autênticas e permitir que a vulnerabilidade seja vista como essencial nas relações humanas, redescobrimo o amor como uma força enriquecedora em vez de um risco a ser evitado.

manifestamos então esse medo de amar plenamente alguém pelo fato de não queremos vir a ser usados no máximo das nossas capacidades e sermos excluídos posteriormente, quando a relação demonstrar os seus primeiros sinais de desgaste. Afinal, não queremos ser violentados afetivamente pelo desgosto da desilusão sentimental. (BITTENCOURT, 2012, p. 49).

Formar vínculos afetivos sólidos exige tempo, que se torna escasso na contemporaneidade, marcada por um ritmo acelerado. Bauman (2001) observa que vivemos em uma época de desapego e insegurança, onde as relações são frequentemente efêmeras e o comprometimento a longo prazo é a exceção. A aceleração das interações sociais, impulsionada pela tecnologia e redes sociais, contribui para a superficialidade emocional, dificultando o desenvolvimento de laços profundos. A busca por novas experiências e a facilidade de substituir conexões fragilizam os vínculos, transformando-os em trocas momentâneas. Embora a valorização da liberdade individual seja importante, pode levar à relutância em se comprometer, exacerbando a insegurança nas relações. A falta de uma base sólida torna amor e amizade vulneráveis a rupturas, perpetuando um ciclo de insatisfação e solidão. Portanto, é crucial refletir sobre essas dinâmicas contemporâneas e buscar reverter essa tendência, promovendo vínculos que ofereçam estabilidade emocional e pertencimento. A redescoberta do tempo no cultivo de relacionamentos significativos é fundamental para enriquecer a experiência humana e permitir que amor e amizade floresçam, mesmo em um ambiente efêmero.

Segundo Bauman (2004, p. 8), “em nosso mundo de furiosa ‘individualização’, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro”.

Freire (2010) destaca que a fluidez das relações contemporâneas impacta as dinâmicas afetivas, resultando em vínculos vulneráveis e efêmeros. Em um ambiente onde predominam a novidade e a troca constante, estabelecer laços duradouros é considerado desatualizado. As interações interpessoais tendem a ser superficiais, com a expectativa de permanência prejudicada pela rapidez das relações, afetando a profundidade emocional e a segurança nas interações sociais. A busca por novas experiências e a facilidade de substituir parceiros desvalorizam o que poderia ser construído ao longo do tempo. Essa vulnerabilidade gera insegurança, dificultando compromissos genuínos. Para construir relacionamentos mais profundos, é necessário um esforço consciente para valorizar o compromisso e a continuidade, criando um espaço onde a vulnerabilidade seja vista como uma oportunidade de autenticidade e crescimento mútuo.

Apesar deste contexto de descompromisso, em que tudo é descartável, o ser humano ainda busca relacionar-se. O medo e a solidão, características indissociáveis do “líquido mundo moderno”, provocam a necessidade de se “ter alguém” e de experimentar o que a paixão pode provocar. E como imediato, o “homem líquido” sai de um relacionamento a outro, em busca de emoções e não mais de estabilidade. (FREIRE *et al*, 2010, p. 2).

Freire (2010) afirma que a liquidez nas relações interpessoais contemporâneas cria um paradoxo: as pessoas desejam conexões emocionais, mas hesitam em se comprometer profundamente. Essa dicotomia resulta em relações superficiais, tratadas como transações temporárias, onde o conceito de compromisso é frequentemente reinterpretado, levando a laços sem profundidade. A busca por novas experiências, somada à insegurança e ao medo da decepção, gera uma evasão emocional. Assim, indivíduos vivem uma ambivalência constante: desejam conexão, mas temem a vulnerabilidade do envolvimento. Essa condição reflete a complexidade das interações humanas na contemporaneidade, e o desafio é encontrar um equilíbrio entre a necessidade de relacionar-se e a disposição para cultivar vínculos significativos que resistam ao fluxo da vida moderna. Analisar criticamente esse fenômeno é essencial para compreender as implicações emocionais e sociais que moldam as experiências na era da liquidez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de amor evoluiu ao longo da história, refletindo transformações sociais, culturais e econômicas. Desde as relações pragmáticas nas sociedades tribais até a valorização do amor romântico na contemporaneidade, a busca por intimidade manifestou-se em diversas interpretações. Atualmente, o amor é frequentemente visto como um meio para a realização pessoal, resultando em relações efêmeras e instáveis, onde a intensidade muitas vezes supera a profundidade emocional.

O amor cortês, surgido na Idade Média, introduziu uma nova dinâmica, caracterizando-se pela idealização da mulher e pela dedicação platônica do homem. Essa abordagem, expressa na literatura dos trovadores, estabeleceu códigos de lealdade e honra, destacando a mulher como fonte de inspiração. Embora tenha promovido uma nova visão romântica, também revelou uma complexidade marcada pela dualidade entre idealização e a realidade cotidiana.

A sociedade contemporânea enfrenta um cenário complexo, onde a modernidade e a tecnologia facilitam conexões, mas fragilizam vínculos afetivos, tornando o amor uma mercadoria descartável. A busca constante por novas experiências gera insegurança e hesitação em compromissos, resultando em relações superficiais. Assim, resgatar o valor do compromisso e da vulnerabilidade é essencial para cultivar laços autênticos em um ambiente marcado pela efemeridade.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **O Amor Cortês – quatro ensaios sobre os trovadores medievais**. Rio de Janeiro: CELA, 1991.

BARROS, José D'Assunção. **Os Trovadores Medievais e o Amor Cortês – Reflexões Historiográficas**. Aletheia, v. 1, n. 1, abril/maio de 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BITTENCOURT, Renato Nunes. **Do amor socrático ao amor líquido**. Revista Húmus, Balneário Camboriú, v. 2, n. 6, p. 41-56, jul. 2012.

BRANDEN, Nathaniel. **A psicologia do amor: o que é o amor, porque ele nasce, cresce e às vezes morre**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos 1998.

BURIDANT, Claude. "Introdução" In: CAPELÃO, André. **Tratado do Amor Cortês**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. **Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade**. 2003. 212 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DUBY, Georges. **O Modelo Cortês**. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das Mulheres: A Idade Média. Porto: Afrontamento, 1990.

FREIRE, Brena et al. **Paixão, ciúme e traição: a "liquidez" das relações humanas no ciberespaço**. Belém, 2010.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

HAACK, Karla Rafaela; FALCKE, Denise. **Rel@cionamentos.com: diferenciando os relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela internet**. Revista Colombiana de Psicologia, Bogotá, Colômbia, v. 26, n. 1, p. 31-44, jan/jun. 2017.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Novas formas de relacionamento: fim do amor romântico ou um novo amor-consumo?** Goiânia, v. 16, n. 2, 2013.

PORTELLA, Lauren. **As redes sociais digitais e o conceito de amor líquido de Zygmunt Bauman, no caso do aplicativo Tinder**. 2015. 43 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. **Amor Cortesão**. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, JeanClaude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I**. Bauru: EDUSC, 2006.

SCHMITT, JeanClaude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I**. Bauru: EDUSC, 2006.

SARAIVA, Antônio José. **História da Literatura Portuguesa**. Portugal. Porto Editora: 2001.

SPINA, Segismundo. **Apresentação da Lírica Trovadoresca**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

VOLUBUEF, Karin. **Frestas e Arestas, A prosa de Ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.